

Qual a finalidade da produção agrícola?

Cesar Augusto Freyesleben Silva

Melhora a condição de existência humana

A maioria dos países conhece, hoje, uma progressiva elevação dos índices de desenvolvimento humano (IDH)¹. Os casos negativos correm por conta daqueles países assolados por epidemia de Aids (Sul e Sudoeste da África), por conflitos (Iraque, Iugoslávia, Timor e países da África Negra) e por estagnação econômica (os países ex-socialistas da Europa).

Ao mesmo tempo, inserem-se no atual contexto mundial de baixo ritmo de crescimento econômico: 2,5% em 1998, 3% em 1999 e 3,5% em 2000 (PNUD – Relatório do Desenvolvimento Humano 2000).

Em contraposição, imensas parcelas da população não foram alcançadas por nenhum tipo de crescimento:

- em todo o mundo, cerca de um bilhão e duzentos milhões de pessoas estão vivendo com menos de um dólar por dia;
- nos países “em desenvolvimento”, a subnutrição, se bem que reduzida entre 1980 e 1999, ainda vitima as crianças: 27% delas tiveram peso deficiente e 33% ficaram atrofiadas;
- ainda nos países “em desenvol-

vimento”, mais de um bilhão de pessoas não têm acesso à água potável e mais de dois bilhões e quatrocentos milhões, ao saneamento adequado (PNUD – Relatório do Desenvolvimento Humano 2000, p.4).

Desses exemplos, pode-se deduzir que o acesso das populações à água, aos alimentos e aos serviços de saúde são critérios de medida do desenvolvimento humano. Mas não os únicos. A eles devem-se juntar o acesso aos serviços de educação e de segurança.

Produção de alimentos aumenta mais do que a população

Enfocando-se exclusivamente o acesso humano aos alimentos, salta aos olhos o aumento progressivo de sua produção em todo o mundo. A produção alimentar total chegou a 2000 com pouco mais de 24% acima da média dos anos 1989-1991. Por pessoa, a produção de alimentos cresceu 8% (Faostat Data Results – www.fao.org).

Entre países, a produção de alimentos mostrou-se mais dinâmica nos de médio nível de desenvolvimento (China, Brasil e Argentina), no pobre Vietnã e no rico Canadá. Os países capitalistas de ponta, de modo geral, tiveram um desempenho entre modesto (EUA) e decepcionante (União Européia e Japão) (Tabela 1).

Ao mesmo tempo, o público direta ou indiretamente consumidor de toda essa produção – a totalidade da população mundial – alcançou 6,06 bilhões de pessoas em 2000. Esses dados avalizam um crescimento populacional

de 15% entre 1989-1991 e 2000; o que implica uma taxa 10% inferior à da produção de alimentos.

A combinação dessas três situações, quais sejam, as tendências ao baixo crescimento geral da economia mundial (exceto a China e, mais recentemente, o Vietnã), à elevação do IDH e ao incremento da produção de alimentos a taxas superiores à da população, resulta de um conjunto de mudanças estruturais que vêm acompanhando o processo de mudanças tecnológicas, impulsionando-o no sentido da concentração e centralização de capital.

A “revolução verde” aprofundou a concentração e a dependência

Mais concretamente, a relação entre a produção e a distribuição de alimentos está mediada por uma complexa teia de estruturas empresariais de grande porte. Essa estruturação, então dinamizada pela indústria, iniciou-se em fins do século XIX no bojo do processo de internacionalização do capital. Acelerou-se no segundo pós-guerra, num contexto de crescente disputa e tensão entre os pólos dominantes dos dois mundos, ocidental (EUA) e oriental (URSS).

Tendo como campo experimental o México ainda na década de 40, foi somente nas décadas de 60 e 70 que os EUA impuseram ao mundo sob sua tutela (países desenvolvidos e “em desenvolvimento”) o seu modelo de desenvolvimento agrícola². Teve por característica central a

Tabela 1 – Evolução do Índice de Produção Agrícola – IPA

	Mundo	China	Vietnã	Brasil	Argentina	Canadá	EUA	União Européia	Japão
IPA net base 1989-1991	24,4	77,3	59,7	46,9	40,4	33,5	24,7	3,9	-6,4
IPA net/pessoa base 1989-1992	8,2	60,2	33,5	27,7	23,4	19,1	13,8	1,1	-8,8

(A) IPA baseia-se na soma de quantidades relativas a preços ponderados de diversos produtos agropecuários, obtida após terem-se deduzido as quantidades utilizadas com sementes e rações, ponderados de maneira semelhante.

Fonte: Faostat Data Results.

1. TDH = indicador que mede as realizações médias num país em três dimensões básicas do desenvolvimento humano. Compõe-se de três variáveis: esperança de vida ao nascer, nível educacional e PIB *per capita*. Varia de zero a um.
2. Destaque-se que os paradigmas da “revolução verde” foram adotados plenamente pelo “arquiinimigo” o mundo tutelado pela URSS.

Conjuntura

aplicação combinada dos métodos e dos produtos da genética convencional com os das indústrias metal-mecânica e química (com ênfase progressiva na petroquímica).

Os resultados, ao longo desses anos todos, têm sido positivos em termos simplesmente quantitativos – por terem elevado substancialmente o rendimento médio das produções agrícolas. Em todos os demais aspectos, entretanto, tal conjunto de inovações tecnológicas teve o impacto devastador que se conhece. Alguns exemplos:

- empobreceu a dieta humana básica, por estreitar o leque produtivo de alimentos (menos de 40, dentre centenas de espécies alimentícias, são produzidas para consumo de massa) e por diminuir a qualidade dos alimentos produzidos em bases agroquímicas²;

- aprofundou a dependência dos países pobres à metrópole norte-americana, via agricultura de exportação, ao mesmo tempo em que desorganizou sua produção agrícola interna; sob este último aspecto, a expansão da soja no Brasil no começo dos anos 70 é exemplar:

- provocou a redução das áreas plantadas com feijão preto, com arroz e com milho (neste último caso, com repercussões nos preços das rações e, na seqüência, das carnes, especialmente a bovina, à época, alimento básico das grandes massas de população);

- eliminou do mercado um sem-número de pequenas empresas comerciais e/ou processadoras (o aumento da capacidade fabril creditado à soja foi proporcionado por grandes empresas norte-americanas aqui instaladas);

- elevou os preços das terras agrícolas;
- e, se não fosse pouco, exigiu vultosos investimentos estatais para ligar a produção ao processamento e à comercialização (corredores de exportação);

- intensificou ainda mais o processo de concentração fundiária agravando os problemas sociais desses

países – por exemplo, convertendo os pobres e miseráveis rurais (pequenos agricultores e trabalhadores rurais, basicamente) em pobres e miseráveis urbanos; e,

- promoveu a degradação ambiental em múltiplos aspectos, desde os variados graus e formas de erosão dos solos até as contaminações do ar e da água, passando, entre outros, pela redução da biodiversidade.

Nova revolução tecnológica para matar a fome?

Mesmo com impactos dessa magnitude nas vidas das pessoas e dos povos, as reações destes ao curso do modelo da “revolução verde” somente ganharam corpo quando de seu esgotamento, mais especificamente na última década e meia. Nesse interregno, os laboratórios dos grupos econômicos agigantados pela “revolução verde” gestaram uma nova “revolução tecnológica” fundada na biotecnologia.

Assim gerada e desenvolvida, a biotecnologia vem sendo apresentada como estratégica para a resolução de problemas:

- **científico-tecnológicos**, a se materializarem através de plantas e animais melhorados e plantas adaptáveis a qualquer condição adversa, de clima ou de solo, e da melhoria dos antigos produtos e processos industriais, bem como, da criação de novos;

- **econômicos**, que acarretariam menores custos, maior eficiência na produção, dependência reduzida de fontes externas de matéria-prima e energia e melhoria das mercadorias antigas e criação de novas, com a proteção das leis de patentes para manter direitos autorais;

- **sociais**, a serem solucionados por uma agricultura saudável ao ambiente, pela possibilidade de melhorar as antigas fontes de energia e criar outras e pela erradicação da fome e da pobreza;

- **político-ideológicos**, que encontrariam solução ao levar as nações

à auto-suficiência em alimentos, a uma competitividade maior no mercado mundial e à independência tecnológica e econômica³.

Todo esse conjunto de concepções e esperanças do mundo do grande capital a respeito da “biorrevolução” tem pontos que não se encaixam no mundo real. Um dos mais trágicos é o fato amplamente reconhecido de que “quatro de cada cinco pessoas famintas vivem em países exportadores de gêneros alimentícios” (O Correio da Unesco⁴, março de 2001, p.31). Outro evidencia que “É patente o interesse da agroindústria dominante em conquistar novos mercados no Sul, pois os do Norte encontram-se saturados. Mas essa expansão terá um custo: o desaparecimento de 500 milhões de camponeses do Sul, sua morte social, pois eles não têm meios para serem competitivos, nem de virem a sê-lo” (O Correio da Unesco, março de 2001, p.22). Ademais, deve-se considerar que, para alcançar esse objetivo, o mais plenamente possível, tornou-se fundamental liberalizar o comércio entre as nações e “proteger” a propriedade intelectual, afinilada para o desenvolvimento da transgenia. Nesse último caso, aliás, está bem identificado que “as cinco principais empresas agroquímicas dominam o mercado das sementes transgênicas” (O Correio da Unesco, março de 2001, p.22). Tais imputações negativas aos postulados biotecnológicos implicam reconhecer o crescimento da reação à hegemonia dos interesses desses conglomerados. No tocante à produção de alimentos, já são múltiplos os grupos e organizações populares pela produção e consumo de alimentos de qualidade (sem agroquímicos), em defesa da agricultura familiar, da produção com certificação de origem, da reforma agrária, da reforma da estrutura do poder, etc.

Cesar Augusto Freyesleben Silva, eng. agr., Instituto Cepa/SC, Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, C.P. 1.587, fone: (048) 239-3900, fax: (048) 334-2311, 88034-000 Florianópolis, SC.

3. Silva, José de Souza/Contradições da biorrevolução para o desenvolvimento da agricultura no Terceiro Mundo. AS-PTA, Rio de Janeiro, 1981.

4. Sigla em inglês da Organização para Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas.